

CORPAS OCUPAM FRESTAS OU COMPLETUDES QUE SOMENTE VOCÊ PODE SE PERMITIR SENTIR

Fernanda Magalhães¹

Resumo: o ensaio apresentado aqui traz uma reflexão sobre minhas produções como artista ativista feminista gorda, além de apresentar uma série de trabalhos produzidos a partir de 1993 até 2023. As minhas produções, a partir do ano de 1993, têm seu foco na autorrepresentação abordando minha corpa gorda e expandindo para as outras corpas de mulheres gordas, as mulheres de forma geral e as diversidades. O interesse pelas corpas dissidentes e abjetas, a partir de minha própria experiência no mundo, tomam forma através de séries de imagens e ações que se interconectam umas às outras, produzindo uma cartografia onde os discursos e as práticas pretendem ser ações afirmativas. As linguagens utilizadas nas construções dos trabalhos também se modificam buscando potencializar cada série produzida. São fotografias, colagens, instalações, performances, vídeos, fotoperformances, entre outras. As proposições querem nos levar às reflexões sobre nossas representações sociais contemporâneas e o que elas constroem em nossos imaginários, e, principalmente, pretendem propor novas imagens que descolonizem nossos olhares contaminados por imagens formatadas e largamente divulgadas sobre nossas corpas objetificadas.

Palavras-chave: Arte; Fotoperformance; Corpas Gordas; Feminismos; Ativismos

¹ Fernanda Magalhães (1962, Londrina, PR, Brasil). Artista, Fotógrafa, e Performer. Professora na UEL (1991-2020). Recebeu o VIII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia 1995 Minc/Funarte, Projeto A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia. Publicou os livros A Estalagem das Almas, em parceria com a escritora Karen Debértolis (2006) e Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance (2010) Obras integram acervos como: Maison Européenne de la Photographie, Paris, França; MON, Curitiba, PR; Coleção Joaquim Paiva de Fotografia Contemporânea MAM RJ; Acervo do Projeto Armazém, Florianópolis, SC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9760944648276947>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1866-3297>. E-mail: grassacrua@gmail.com.

BODIES FILL GAPS OR OFFER FULLFILLMENT THAT NO ONE BUT YOU CAN ALLOW YOURSELF TO FEEL

Abstract: this essay contemplates my productions as a fat feminist activist artist, as well as a series of works produced between 1993 and 2023. Since 1993, my artwork has focused on the self-representation of my fat body, expanding to other bodies of fat women, women in general and diversities. The interest in dissident and abject bodies, based on my own experience in the world, brings about series of images and actions that interconnect with one another, producing a cartography where discourses and practices intend to be affirmative actions. The languages used in the construction of the works also changes, seeking to enhance the series produced. There are photographs, collages, installations, performances, videos, photoperformances, among others. The propositions are meant to lead us towards reflections on our contemporary social representations, and on whatever they create in our imaginations. Above all, the propositions intend to offer new images that decolonize the contaminated way we look at constructed and widely disseminated images of our objectified bodies.

Keywords: Art; Photoperformance; Fat Bodies; Feminisms; Activisms

Há certas horas
em que as feridas
já esquecidas
voltam à vida.

Há certos dias
em que as medidas
das dores, da vida
restam indecidas

Escorrem as horas,
Transcorrem os dias.
Só resta a presença
Da mera existência.

(Consolo, Hannah Arendt)



1. A Natureza da Vida, Fernanda Magalhães, UDESC, Florianópolis, 2019
Fotografia por Nanda Soares

[...] Não tem mais jeito
Não há outra maneira
Aceitação e cura convertendo sentimentos
Velhos hábitos que não quero mais repetir

Não tem mais jeito
Não há outra maneira
Transicione comigo
Agora é a Hora [...]

(Other Way, Mavi Veloso)

Os meus trabalhos de onde emergiram-emergem? Me pergunto muitas vezes. Produzir como artista também é sobre refletir, entender, processar, escrever, registrar, organizar, cuidar dos trabalhos produzidos, e muito mais. As obras criadas, fotografias, performances, falas, encontros, vídeos, textos, desenhos, cadernos, publicações, montagens, instalações, áudios, e mais, tudo requer um tanto (muito) de trabalho, entre o projeto, as ideias iniciais, a obra em si e a reflexão e entendimento dela. Assim se somam outras perguntas e as respostas são múltiplas. As questões vão acontecendo ao longo da vida, dos trabalhos. Os trabalhos talvez surgiram das perguntas? Mas não foi um momento, foram vários, de enfrentamentos e compreensões. Como lava borbulhante que tem momentos que extravasa, anteriormente ao estouro era pura ebulição. Incômodos, revoltas, posicionamentos, dúvidas, muitas perguntas sem respostas, muitos momentos me sentindo silenciada, abjeta. Como artista, como mulher, como corpa² gorda, por ser posicionada, ativista, usar da minha obra para falar o que penso, o que sinto, sobre situações sociais que atravessam nossas corpas insubmissas, dissidentes, consideradas corpas anormais, que muitos dizem inadequadas. Por estar fora das normas, fora do centro. Fora? Estou fora? Não, estou mergulhada, sou parte, mas daí a pergunta: para quem estou fora? Por que fora? Que lugar é esse que devemos ocupar? Que mercados das artes e das corpas devemos atender? Devemos nos modificar? Mudar de lugar? Mudar de discursos? Cortar fora o que não cabe? Extirpar os incômodos? Será que ocupamos muitos espaços? Falamos muito? Comemos muito? Comemos o quê? Pesamos muito? Somos muito fortes? Será que somos disformes? Qual a forma pretendida? Informe? Sem forma? Será feia? Feia pra quem? O que é a beleza, afinal? Para quem? Ahh, são os pelos, muito peludas. Feminista, claro! Ensebadas, gosmentas, gordurosas, abdominosas.

² Utilizo CORPAS em meus textos, a palavra em seu feminino, e que no português não existe. No português, utiliza-se no masculino para todos. A ideia é desmontar a linguagem patriarcal e marcar uma posição política no uso diário da linguagem formal.

Elefantas, ursos, baleias, hipopótamas, rinocerontas...Já ouvi de tudo e um pouco mais. Mas, será melhor rejeitar o que ouço? Ou absorvo e devolvo de outra forma?

Ressignificações, isso me interessa, ocupar estes espaços com todo meu peso e tamanho e ser o que sou e como sou.



2. Auto Retrato no RJ, Fernanda Magalhães, 1993

Além dos trabalhos, tem o jeito de ser, uma forma de olhar, de se posicionar, de falar, de virar a cabeça, dar um meio sorriso, de mostrar o corpo. De ser ridícula? Será ridícula? Tudo conta. E continuam: não fale sobre isso. E quando falo, sou sempre interrompida. E grito. Uma corpa que, dizem, deve se desculpar por ser como é, tem que provar ser suficiente, tem que ser outra, não essa. A que existe, constatam, está errada. Será preguiçosa? Comilona? E as opiniões e ideias desta corpa sempre sendo ignoradas. Os trabalhos parecem que nunca são eficientes, não são bem considerados. E vem as opiniões: Se mudasse algo aqui, algo ali, mais para cá, mais para lá, um pouco menor, um pouco mais quieta. Quem sabe menos extravagante? Muito escandalosa? Barriguda. Ahhhhhh, muito barriguda, e os peitos caídos que quase encostam no umbigo. Pois é, já ouvi essas também. Retomo a imagem que gerou esses comentários, meus pensamentos voam, puxa, que coisa, que exagero, que absurdo, que ódio sentem quando veem um peito fora do esperado, hein? Meus peitos lindos sempre foram nesse formato pera. E qual o problema será? O que gera tantos incômodos? Eu gosto deles, sempre gostei. São os meus e me dão prazeres, tantos. Ahhh...Gordas sentem prazeres? Sim, sentem muitos prazeres. E tem ainda as considerações: tira esses pelos da

cara! Tem que depilar. Moças não têm pelos na cara, só moços. Podia emagrecer um pouco, tem um rosto tão bonito! Cobre essa corpa, que absurdo, as gorduras de fora...Isso não pode acontecer aqui! Ou ainda: É interessante, muito interessante, mas não podemos mostrar “isto” aqui! E ainda: Poxa, que trabalho! Sabe que aqui você quase conseguiu uma boa fotografia? Já ouvi cada coisa.

Hoje percebo, quando falo e depois ouço as minhas gravações posteriores, em minhas falas um jeito corrido, sem respirar direito, fala rápida, ansiosa, sem pausa ou respiro, sem o tempo de escolher a melhor palavra ou a forma de falar, uma colocação nervosa. Me irritam as gravações por isso, fico com uma raiva por “ser” assim, mas, eu já sei, estou sempre à espera da interrupção. Não há tempo nem espaço para as corpas dissidentes. Isto, esta raiva por “ser” assim, penso tanto sobre isso. Tantos anos, tantos trabalhos, me autorrepresentando, me olhando, aceitando os outros olhares, as imagens feitas de minha corpa por outros, isso foi um desafio que me coloquei. E me olhar a partir de minhas autorrepresentações pelo meu olhar e de tantos não é tarefa fácil. O sentido em se entender e se posicionar como corpa que se coloca no mundo, pertencente, nua, sem nenhuma camada que separe ou proteja ou empacote, ou disfarce, ou modifique essa corpa e sua posição no mundo. Não há artifícios. A corpa se posiciona. E incomoda tanto por ser no mundo.

Eu gosto de pensar que, me olhando através das fotografias, durante esses trinta anos de produções e experiências nas artes, essas ações performáticas onde a corpa plena sente os ventos pelos poros livres, o sol, estar simplesmente ali, que essa aceitação, me sentir pertencente, isso estaria resolvido nessa corpa, essa corpa seria plena no mundo. Então, quando me vejo em vídeos ou me ouço falando, ainda sinto esses incômodos. Essa raiva em ser como sou, que acontece quando percebo o meu jeito nervoso de falar, de sorrir, da boca que entorta quando falo. E essa sou eu, sim. E esses incômodos gerados em mim revelam, me revelam, os efeitos, os afetos, as emoções de tantos anos ouvindo as considerações acerca do que sou e de como eu deveria ser. De como meus trabalhos deveriam ser. De como eu deveria falar ou deixar de falar. As violências sobre nossas corpas se expressam de múltiplas formas. Esta pressa em falar, esse jeito enquanto falo, isso me vem no pensamento enquanto estou falando, um tormento, uma sombra, os fantasmas. *Fale rápido.*

Alguém bocejou. Não vai dar tempo. Seja mais sintética. A necessidade da pressa, o desespero para conseguir finalizar a frase. Muitas vezes eu não consigo, muitas vezes, tantos imprevistos, as interrupções. Eu já sei, já espero a derrota por mais que eu faça. A derrota vinda do outro, nos retornos, comentários, eu praticamente não espero nada. Ainda que eu não desista.

Ouçó muitas vezes ou vejo nas expressões, nas meias palavras, nas negativas, nas exclusões, que acham que eu não pertença, que eu não posso ocupar os espaços, que não devo me expressar e jamais expor a minha corpa gorda. Mas eu existo e resisto.



3. Auto Retrato, nus no RJ, Fernanda Magalhães, 1993

Foram tantas idas e vindas até eu perceber que a única direção possível era aquela para onde apontava meu nariz ou por onde minhas dobras se desdobram. Pelos caminhos que eu quisesse já que ninguém vai me permitir ser o que sou. Eu, somente eu mesma, posso e devo me permitir, seguir minha intuição e assumir minhas carnalidades.

E vem as perguntas: como será que acreditei e persisti frente a tantas negativas e violências? Uma resposta que me vem: porque minha corpa conhece e sente e sabe por experiência que nada é bem assim como querem dizer. Não, não, não é assim como vocês querem, eu existo e vou gritar sim. Gritar com minha corpa nua, grande e nua, velha e nua, lésbica e nua, sim, com cicatrizes, manchas, estrias, redonda e com muitas dobras, sim, vai ter nudez para que todes possam ver. Com

pelos e boca torta, com voz insegura mesmo, meu jeito nervoso de falar, não importa. Vou falar sim. E em locais públicos, locais emblemáticos, locais conhecidos, parques, praças, museus, instituições, por onde minha corpa passar. E são momentos fotoperformáticos que são multiplicados. Vida-arte que pulsa em cada célula e cada camada da minha corpa. E se multiplica e reverbera por onde passa, pelas publicações, pelas redes e pelas outras corpas para quem os trabalhos fazem sentido.

As respostas de fora, tem as especializadas e a dos entornos, do público em geral. Estas respostas me direcionam e dão, de fato, sentido ao que faço. São elas que me seguram, me fazem resistir. Para estas pessoas, meus trabalhos são uma voz que ressoa. Uma jovem que me aborda na saída de um bar, o ascensorista do elevador de um museu, a filha da cozinheira do buffet que preparava o coquetel e a própria cozinheira, as mulheres gordas, as muitas que se aproximam e contam histórias. Tem também relatos de mulheres baixas, de corpas que são violentadas em casa, de diversas formas, as que passaram por doenças graves, as mulheres trans, as corpas que têm medos e que me contam sobre. Tantas fragilidades e desejos, eu ouço pelas reverberações dos trabalhos. Preciso lembrar também daquelas que estiveram ao meu lado desde o início, pesquisadoras(os/es), curadoras(os/es), professoras(os/es) e as(os/es) participantes dos trabalhos, das performances, quer seja posando para mim ou comigo, me fotografando, aquelas (os/es) que desenharam, filmaram, escreveram, observaram, gravaram áudios, fizeram gravuras, que doaram suas corpas para imprimir sobre tecidos, performaram comigo, estiveram junto apoiando, enfim, participantes em geral que estiveram lado a lado permitindo que estes trabalhos acontecessem.

Assim, essas abordagens que me encorajam, me mostram que meu nariz aponta para o caminho certo. Ver este percurso de minha própria vivência e das pessoas que encontro, que são oprimidas por serem e assumirem suas corpas dissidentes. As ações, as memórias, as experiências de minha corpa no mundo, esses relatos-trabalhos-vivências se desdobram nas outras corpas e essas reverberações fazem com que tudo exista, resista e se multiplique.

Em alguns momentos, eu encontro, no sistema, pessoas e espaços que valorizam e absorvem meus trabalhos e estes são exibidos e publicados. Aceitam

ou toleram ou não podem ignorar. Assim, pelas frestas, os trabalhos vão entrando. Não bem no *mainstream*, especialmente falo do que movimenta os mercados das artes, as grandes galerias e espaços mais disputados. As vezes até acontece, mas, em alguns lugares, isso nunca se concretiza.

Tem ainda minha relação com a universidade pública, espaço institucional, parte do sistema permeado de caminhos possíveis. Foi uma escolha que fiz muito jovem. Depois que me formei no curso de Educação Artística, eu fiz um concurso e entrei, primeiro como funcionária-fotógrafa do museu histórico e depois como professora-pesquisadora. Esse caminho me permitiu, de muitas formas, um aprofundamento nas reflexões sobre minhas produções e de artistas diversos, que estavam presentes nos conteúdos das aulas e também do que estava surgindo entre alunos de várias gerações que tive a oportunidade de conviver. Uma escola com sentidos múltiplos, que fui trabalhar, mas principalmente trocar e aprender com tantas corpos. E foi também uma forma de me infiltrar no sistema, ocupar esses espaços que se abrem e me posicionar. Assim meus trabalhos também são atravessados por estas importantes vivências acadêmicas.

Abaixo trago algumas fotografias de performances realizadas com coletivos formados com alunos da UEL, Coletivo Manada e Fotocuir.



4. PapeClarkOitica, Coletivo Manada, UEL, 2010
Foto Natália Lima Castro



5. Performance Praia MANADA – Coletivo MANADA, Semana de recepção dos calouros Artes Visuais, Divisão de Artes Plásticas, UEL, 2013, Fotografia por Natália Lima Castro



6. Fotoperformance Banquete ComidaCorpoCorpoComida, FOTOUIR, Praça-Cantina do CECA, UEL, 10 de junho de 2014 Fotografia por Graziela Diez



7. Fotoperformance Banquete ComidaCorpoCorpoComida, FOTOCUIR, Festival ruído.gesto ação&performance/2015 CorpoFechado, FURG, Rio Grande, RS, 2015, Fotografia por Cláudio Maciel

Nestes percursos múltiplos em ambientes diversos, estando dentro e fora, me posicionando, me inserindo, me sentindo abjeta muitas vezes e estando em locais de poder em outros, assim foram vindo à superfície questões que formulam minhas produções e posições no mundo. E foi tentando responder o que me leva às produções e o que me faz continuar, que emergem outros trabalhos. E ainda continuo me respondendo a cada interrogação que me assalta, às vezes de madrugada, e assim os trabalhos borbulham e me tomam. Surgem entre tantos entendimentos sobre ser mulher, ser gorda, ser lésbica, ser artista, ser trabalhadora e estar envelhecendo e ser bisneta de Iracema Guarani e nada saber sobre ela, nada.

Quantas violências. Sobre esta camada, ser Guarani, me pergunto: minha bisavó terá sido laçada? Onde era o seu território? Temos documentos dela? Por que não sei nada sobre ela? De onde ela veio? Por que minha avó, sua filha, que

adorava me contar histórias, nunca me contou nada dela? Como se desdobram essas exclusões? Terá tido seu território queimado? Mortos os parentes? Carregada e vendida em outras paragens? Como encontrou o meu bisavô? A nossa família conhece suas memórias?

Sobre esta minha ancestralidade, foi somente em 2019 que comecei a cavar mais fundo essas informações e fui conversar com minha tia Aracy, a detentora das memórias familiares. Descobri a proximidade, até esse momento eu não sabia que a minha ancestral indígena estava tão próxima, Iracema era minha bisavó. Sinto que quase pude tocá-la. E, então, o susto, por que não sei nada de Iracema?

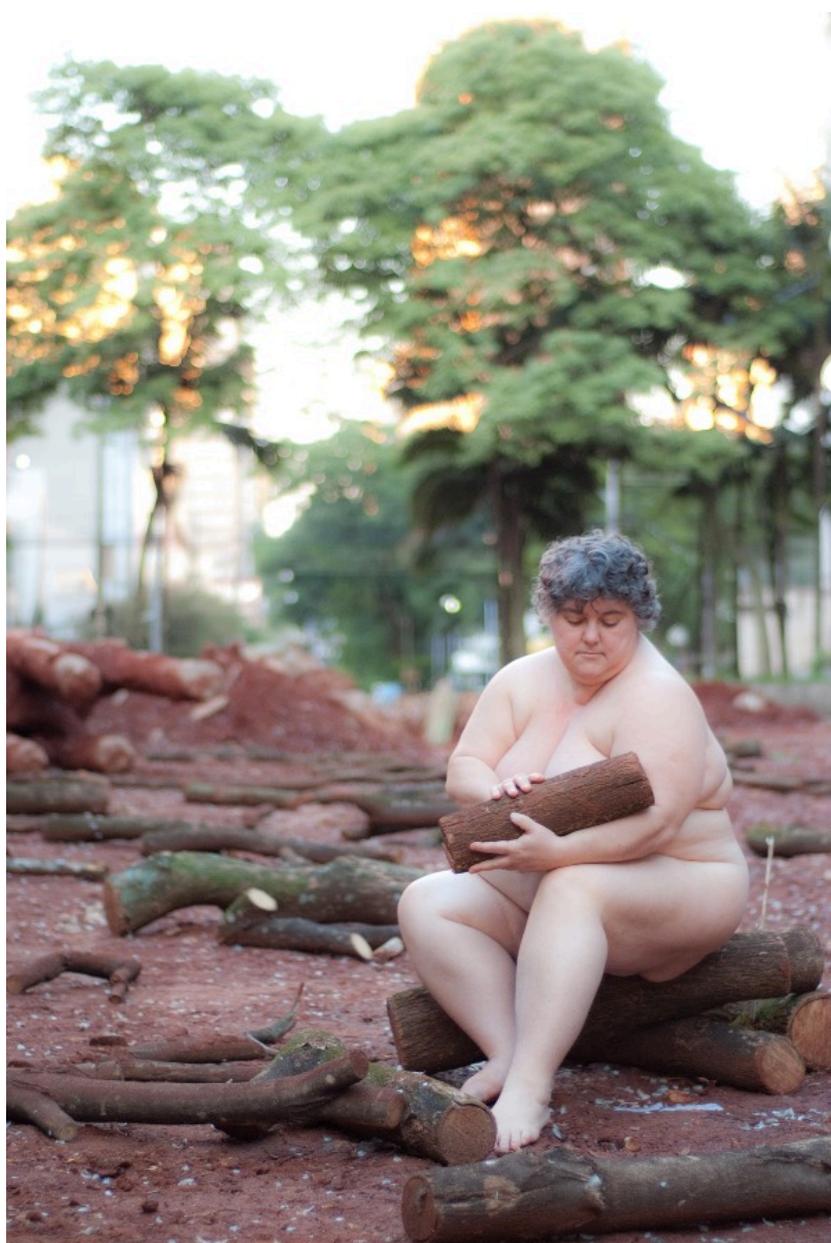
Comecei a tatear no escuro. Fui em busca da família com perguntas e consegui algumas poucas pistas. Depois fui buscando pelas sensações e percepções pela minha pele guarani. Entre o que lembro de minha avó, de meu pai, de minha tia e de minhas outras tias e tios e em mim. Será esse silêncio um jeito reservado de ser? Essa forma expansiva, mas que não fala sobre o mais íntimo? A cozinha, as receitas, os chazinhos, as ervas, a natureza, as plantas, a necessidade das árvores? Aos poucos, fui percebendo, ou querendo saber, serão marcas? Preciso de indícios, vou conseguir encontrá-los? Onde? Procuro, mas pouco encontro. Percebo ou acredito naquilo que quero encontrar? Sinto que estas memórias estão afundadas nos silenciamentos impostos, nas violências, e é um caminho difícil de acessar. Paro um pouco e vejo o Mulungu no fundo do quintal, as castanheiras diversas na chácara, a chácara com as árvores replantadas pelo meu pai, que tinha uma mão que tudo que semeava florescia, e esse amor pela natureza. Vejo a terra sempre presente, esse bosque que ele formou, a castanheira do Pará (ou do Brasil) ao lado da casa, as árvores do lugar replantadas, palmitos, figueiras, peroba-rosa, amoreiras, ameixeiras, laranjeira, limoeiros, mangueiras, colorau, bananeiras, pitangueiras, jaqueira, jabuticabeiras, palmeiras diversas, pau-ferro, eucaliptos, araucárias e tantas mais. E a cozinha de invenções que meu pai fazia e as receitas que herdou de minha avó. Eu quero muito acreditar que isso tudo pode vir daí, desse espírito ancestral que me atravessa, que está em mim, mas de fato eu não sei.



8. Guarani-Luz, Autorretrato Acéfalo, Fernanda Magalhães, 2021

Os ativismos em meus trabalhos nascem nas resistências, nas incorporações, uma não aceitação às imposições, às lógicas capitalistas. Pensando nos corpos das mulheres objetificadas às cidades cada dia com menos verdes, nesse “progresso” que interessa a alguns, os mercados imobiliários, o esgotamento da terra, da água, de tudo que se puder retirar sem troca, sem consciência, sem respeito, sem se importar. Para mim, os barulhos dos motosserras são agonizantes quando ouço ao longe os cortes nos parques, nos quintais, nas ruas. Esse apego me faz sentido. E tem também a nudez que me faz muito sentido, sinto tão minha, tão natureza, tão desprovida de outras superfícies, pele-folha-casca...partes que vibram juntas, vidas permeadas que interagem e se sobrevivem umas as outras.

Então, a partir de 2019, se forma em mim a perspectiva de que esses ativismos, feminismos, trabalhos, posicionamentos e inconformações nasceram muito antes de mim e que as violências e exclusões não são somente sobre a minha corpa gorda. Eu sabia que vinham de minha corpa e se expandiam às outras corpos de mulheres gordas, às outras mulheres e às diversidades, mas este entendimento de minhas ancestralidades trouxe uma camada mais profunda. E soma-se com as outras misturas que estão em mim, são muitas. Então me pergunto, quando tenho que preencher os formulários: Branca, parda, negra, indígena? Sinto que não tenho a resposta certa.



9. A Natureza da Vida, Bosque Central Londrina, Fernanda Magalhães, 2011
Fotografia por Graziela Diez

Minhas produções começam a ter consistência no início da década de 1980, mas foi a partir de 1993 que os autorretratos e a nudez vieram à tona, com toda carga e discursos de enfrentamentos, debates sobre as formas, as visualidades, problemas de gênero e as diversidades. São séries de fotografias, instalações e ações performáticas que criam um conjunto de trabalhos que dialogam e são convergentes.

O encadeamento de sequências complementares tem referências importantes em diversas linguagens. Tiras como fotogramas do corpo em movimento, como fragmentos de um filme de cinema. Colagens de fotos com textos e recortes propondo novas reconfigurações dos discursos às corpos de mulheres gordas. Instalações que ocupam os espaços tridimensionalmente e nos posicionam perante as corpos volumosas, que, de forma lúdica, questionam os modelos impostos pelos discursos médicos. Performances interativas e colaborativas, ações ritualísticas onde a transcendência é proposta a partir das produções em arte para novas reconstruções das corpos abjetas. Fotos e videoperformances realizadas a partir do ano 2000, em que convido fotógrafas(os/es) diversas(os/es) e poso com a minha corpa gorda me posicionando e ocupando espaços no mundo, em diferentes paisagens e contextos. Algumas séries se desdobram em outras, o que era cinema se transforma em performance. Da pele registrada pela fotografia para a pele impressa com tinta sobre tecido. Me interessa a possibilidade de ver e sentir os poros nas impressões e as corpos que, de forma colaborativa, se complementam e formam novas corpos possíveis. O que era uma ação rápida ganha narrativas longas e concretiza ideias em objetos de cena. Modifico estratégias e insisto nas temáticas. Utilizo uma ideia e a multiplico em muitas outras. Assim, os trabalhos vão se desdobrando e insistindo nas questões abordadas, como discursos circulares que são necessários para que, com o tempo, provoquem mudanças efetivas. A ideia das propostas e elaborações de trabalhos se fundamenta em ações afirmativas, buscando quebrar os aprisionamentos impostos a todas.

Após estes anos pandêmicos, após o golpe misógino e o desgoverno que passou, graças a tantas lutas, e toda censura que se instalou com muita força neste período, minha corpa deseja ardentemente outros movimentos e expansões coletivas. Movimentos que possibilitem a esta corpa, que carrega dores físicas e da alma, ser simplesmente e estar. Não para ser aceita e nunca para provar que pode

alguma grande e vigorosa manobra, mas sim para ser carnalidades em plena vida e gozo, com todas as marcas e cicatrizes que estão em mim e me pertencem.

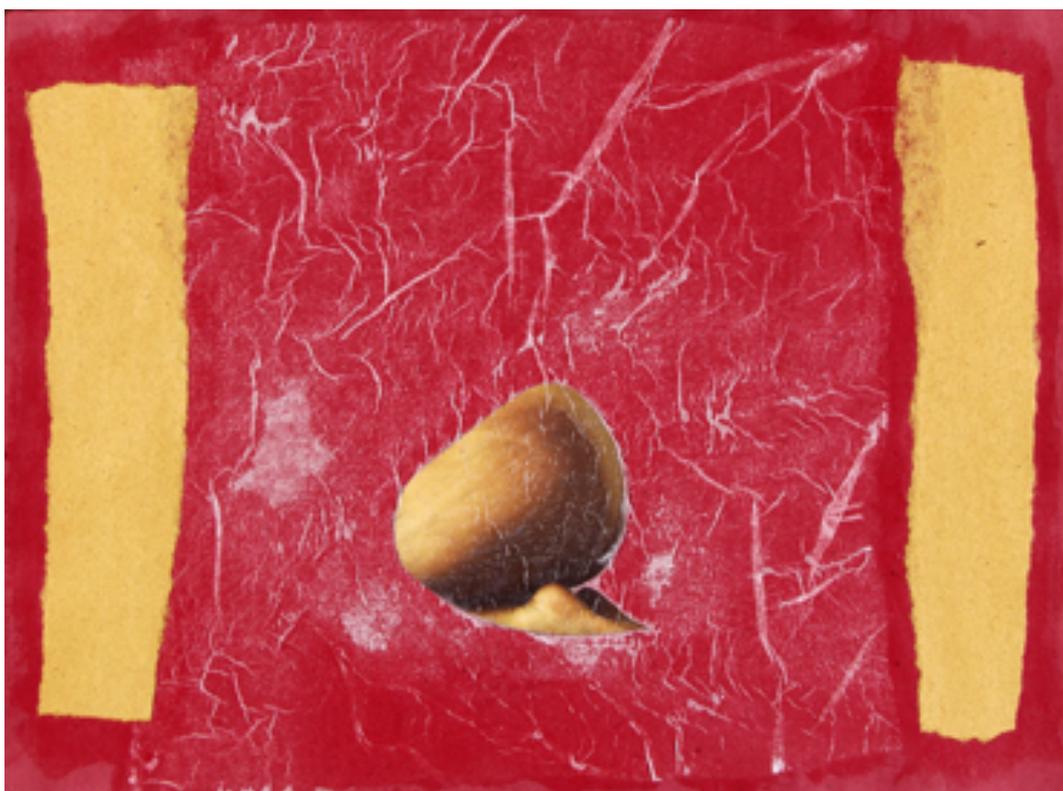
Trago aqui uma sequência de imagens dos trabalhos e que dizem por si mais do que posso traduzir em palavras. Contextualizo cada trabalho através das legendas e espero que vocês possam percorrer e ouvir suas próprias sonoridades e vibrações.



10. Auto Retrato no RJ, Fernanda Magalhães, 1993



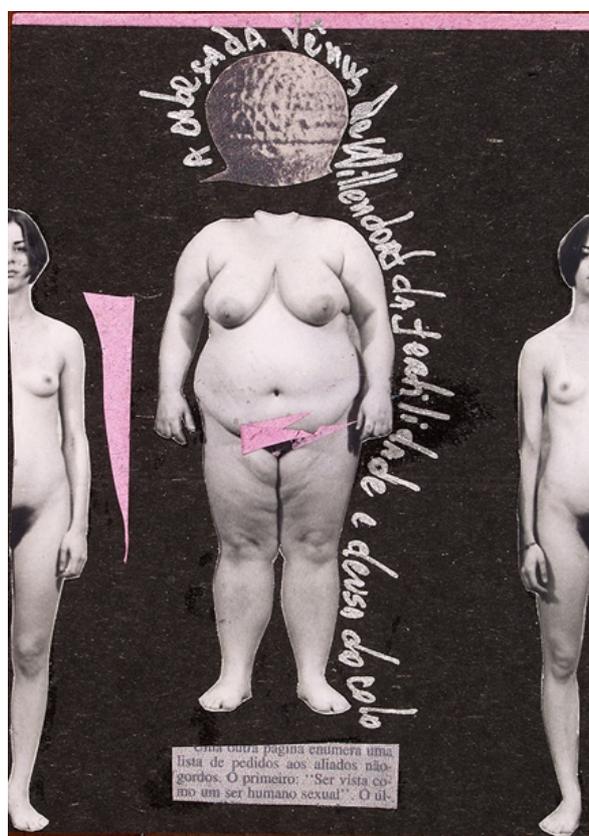
11. Auto Retrato no RJ, Fernanda Magalhães, 1993



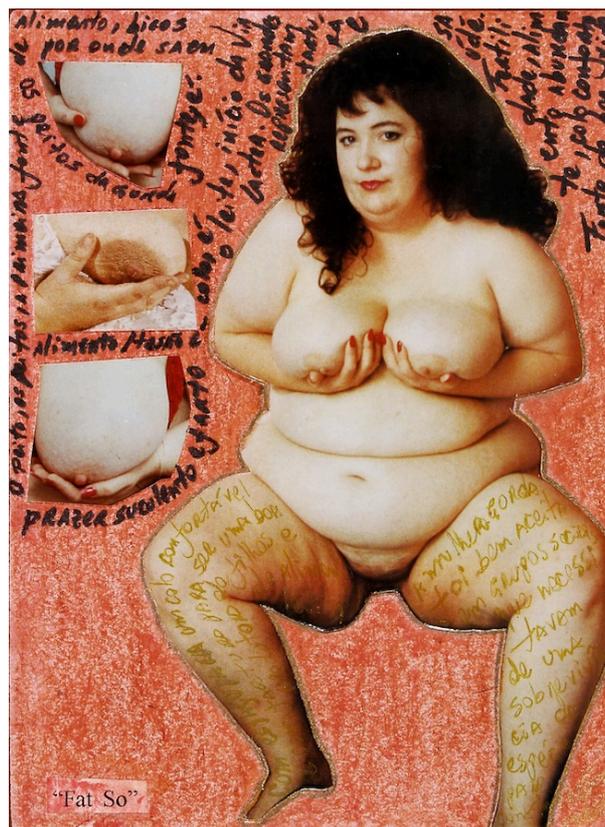
12. Auto Retrato, nus no RJ, Fernanda Magalhães, 1993



13. Auto Retrato, nus no RJ, Fernanda Magalhães, 1993



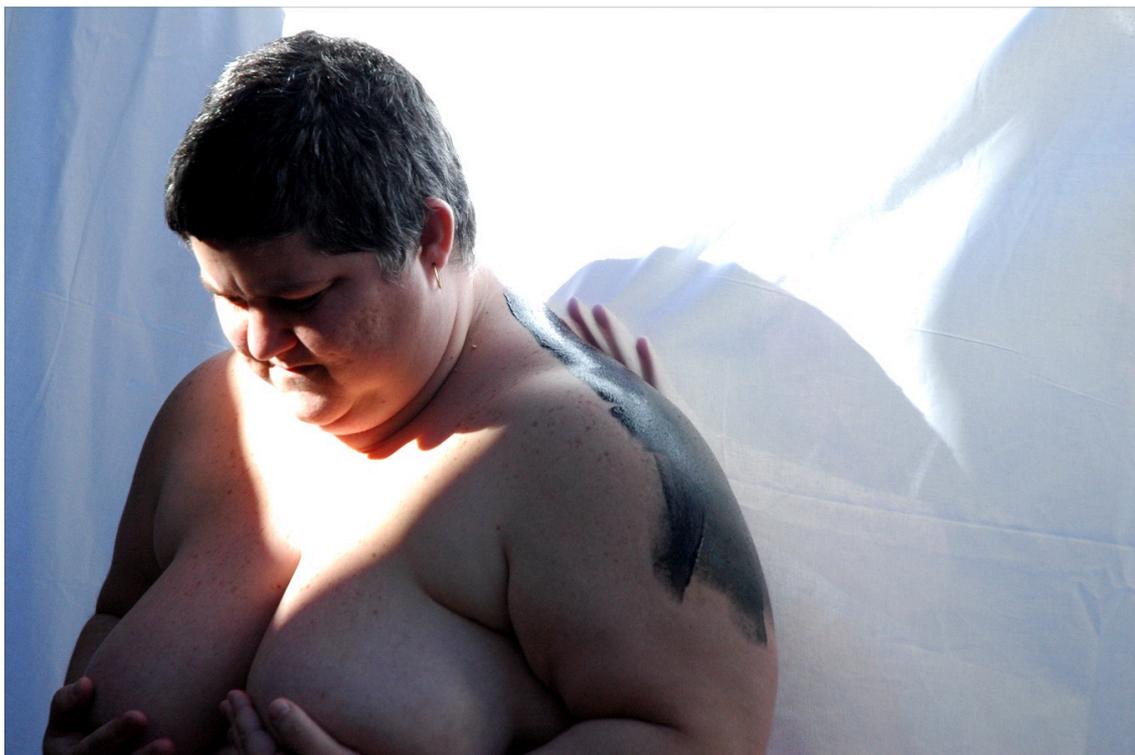
14. A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia, Gorda 9, Fernanda Magalhães, 1995



15. A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia, Gorda 12, Fernanda Magalhães, 1995



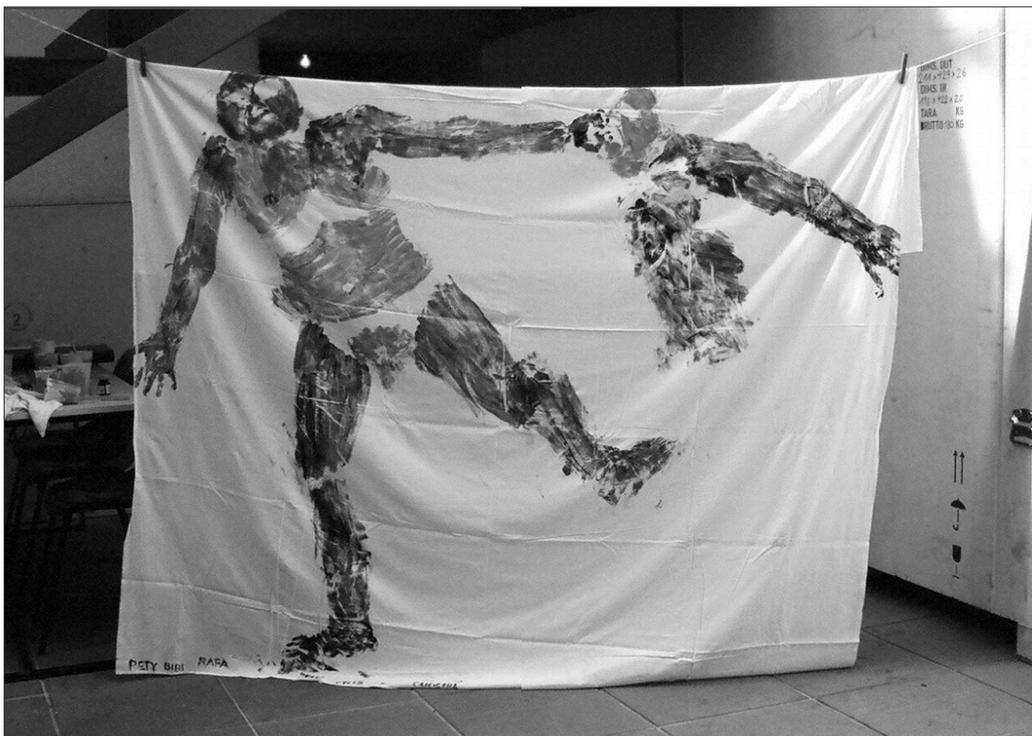
16. Classificações Científicas da Obesidades, Fernanda Magalhães, Balaio Brasil, SESC Belenzinho, São Paulo, 2000



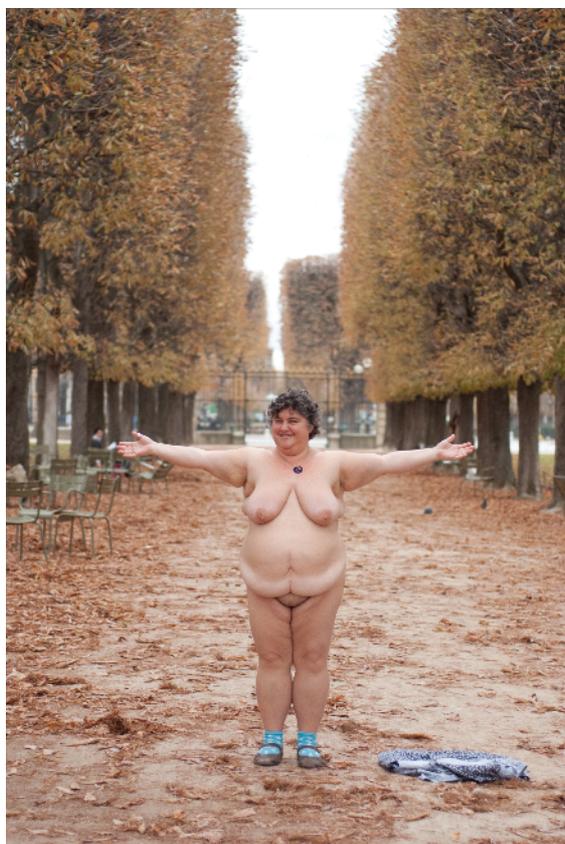
17. Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance, Fernanda Magalhães, MIX Brasil Londrina, ALIA Associação Londrinense Interdisciplinar de AIDS, 2004, Fotografia por Graziela Diez



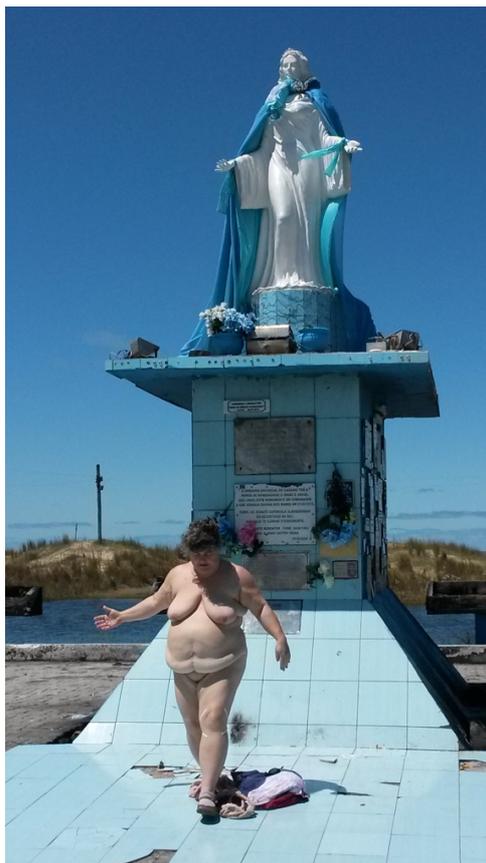
18. Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance, Fernanda Magalhães, Casa Andrade Muricy, Curitiba, 2006
Fotografia por Cristiane de Souza Gonçalves



19. Corpo Re-Construção Ação Ritual Performance, Fernanda Magalhães, Casa Andrade Muricy, Curitiba, 2006
Fotografia por Fernanda Magalhães



20. A Natureza da Vida, Jardim de Luxemburgo, Fernanda Magalhães, Paris, 2011
Fotografia por Graziela Diez



21. A Natureza da Vida, Fernanda Magalhães, Ruído.gesto ação&performance/2015
Corpo Fechado, FURG, Rio Grande, 2015, Fotografia por Cláudia Paim



22. A Natureza da Vida, Fernanda Magalhães, 13º Mundos de Mulheres & Fazendo
Gênero 11, UFSC, Florianópolis, 2017, Fotografia por Cássia Furlan



23. A Natureza da Vida, Celia Viado, Pavilhão 10, Celas de Arthur Bispo do Rosário, Fernanda Magalhães, 2016, Fotografia por Raquel Scotti Hirson



24. Grassa Crua, Fernanda Magalhães, Museu Bispo do Rosário, Rio de Janeiro, 2016
Fotografia por Wilton Montenegro



25. Grassa Crua, Fernanda Magalhães, Fotorio Resiste, Retrato Espaço Cultural, Rio de Janeiro, 2018
Fotografia por Nana Moraes

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. **Também eu danço**. Poemas (1923-1961) / Hannah Arendt; traduzido por Daniel Arelli. – Belo Horizonte : Relicário, 2023. 228p. ; 13cm x 21cm.

VELOSO, Mavi. Traveca Delights. **Programa da performance Traveca Delights no FILO** – Festival Internacional de Londrina, 27 julho 2023.

Recebido em: 15/07/2023

Aceito em: 18/10/2023